

A CONSCIÊNCIA DA CONSCIÊNCIA EM DOIS CONTOS DE MACHADO DE ASSIS

Ana Paula de Assis William,
discente do curso de Bacharelado em Letras (Português-Italiano)
DRE 111203816

Monografia de Conclusão de Curso de
Bacharelado em Letras (Português-Italiano)
entregue à Faculdade de Letras da Universidade
Federal do Rio de Janeiro

Orientador: Prof. Doutor Henrique Cairus

WW716c WILLIAM, Ana Paula de Assis
A consciência da consciência em dois contos de Machado de Assis / Ana Paula de Assis WILLIAM. -- Rio de Janeiro, 2020.
29 f.

Orientador: Henrique F. Cairus.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Bacharel em Letras: Português - Italiano, 2020.

1. psicologia em Machado de Assis. 2. contos de Machado de Assis. 3. história da psiquiatria. 4. história das ideias médicas. 5. ciências na literatura. I. Cairus, Henrique F., orient. II. Título.

FOLHA DE AVALIAÇÃO

WILLIAM, Ana Paula de Assis. A consciência da consciência em dois contos de Machado de Assis. Monografia de Fim de Curso de Bacharelado em Letras. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2020. 29p.

_____ Grau: _____
Profª. Doutora Tatiana Oliveira Ribeiro (UFRJ)

_____ Grau: _____
Profª. Doutora Beatriz de Paoli (UFRJ)

_____ Média Final: _____
Prof. Doutor Henrique Cairus, presidente

Rio de Janeiro, julho de 2020.

À fé.

AGRADECIMENTOS

Ao professor Henrique Cairus, pela orientação que ultrapassa estas linhas, me amparando em meio aos desafios. Por lançar luz em minha alma.

À professora Tatiana Ribeiro, por me inspirar a pesquisar, aprender e crescer.

À professora Monica Figueiredo, por fazer a narrativa ser muito além da narrativa.

À professora Ana Crelia, por acreditar tanto e acolher.

À minha turma de origem, por não entendermos e por aprendermos sempre juntos.

A Carson, Lucas e Tamires, pela união, diversão, emoção. Por compartilharmos experiências que nunca mais teremos iguais, fazendo valer cada momento no Fundão e por aí.

A Priscila, por se doar de todas as formas e me olhar para além do que vejo. Pelo vínculo tão potente.

À Taverna, por ser a fuga onde o sossego se fez possível.

A Zeneide, pelos desdobramentos, pela companhia e pela mão estendida.

A Márcia, por me conceder o primeiro lar, o primeiro amor e ensinar a distribuí-lo.

A Sérgio, pelas experiências no mundo ao nosso alcance e por ter sido cúmplice nessa jornada.

A Maria de Lurdes, pelo afeto mineiro e pelo abraço de vó impulsionador.

A Adriana, por me apontar as palavras e os livros. Por estar muito além do seu tempo.

A todos, o meu amor e obrigada.

“Foi para mim um dia memorável, pois ocasionou grandes mudanças em mim. Mas é assim com todas as vidas. Imagine que um determinado dia fosse eliminado de sua vida, e pense em todas as consequências que isso teria sobre o resto dela. Para e pensa, tu que me lês, por um momento, na longa cadeia de ferro ou ouro, de espinhos ou flores, que jamais te teria cingido, não fosse a formação do primeiro elo num dia memorável.”

Charles Dickens

RESUMO

A presente monografia busca investigar, em dois contos de Machado de Assis, o desenvolvimento das noções acerca do binômio formado por consciente e inconsciente. Dentre os contos de Machado, foram escolhidos os contos “O cônego ou metafísica do estilo” e “O espelho” por apresentarem explicitamente questões relacionadas à consciência da existência de um consciente e de um inconsciente. Os contos foram estudados na ordem cronológica invertida, em função da organização argumentativa do trabalho. O primeiro apresenta detalhadamente as minúcias da mente humana, fazendo refletir noções inovadoras de Machado a respeito do consciente e inconsciente. O segundo apresenta um personagem capaz de refletir a respeito dos níveis de consciência percorridos no passado e explora a angústia decorrente da dependência de um outro para definir a si próprio. Ambos interessam-nos por vivenciarem processos nos quais o consciente articula-se com o inconsciente de modo fundamental na narrativa. Observaremos tais processos e suas dimensões a fim de melhor compreender a linguagem psicológica em Machado.

PALAVRAS-CHAVE: Psicologia em Machado de Assis; Contos de Machado de Assis; História da Psiquiatria; História das ideias médicas; Ciências na literatura.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. A ANGÚSTIA DA MEMÓRIA NO CONTO “O CÔNEGO OU METAFÍSICA DO ESTILO”	12
2.1 - O sermão	13
2.2 - Uma jornada pela inconsciência	14
2.3 - Pequena revelação	17
3. SABER DE SI NO CONTO “O ESPELHO”	19
3.1 - A nomeação	20
3.2 - A segunda alma ou o outro-eu?	21
3.3 - Grande revelação	23
4. CONCLUSÃO	27
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	29

1. INTRODUÇÃO

A articulação entre a literatura médico-psíquica (logo ‘de psicologia’, ‘psiquiátrica’ e ‘psicanalítica’) e a literatura literária oportunamente oferece a possibilidade de reconhecer em certos autores uma compreensão apurada a respeito da mente humana. O presente trabalho, portanto, tem a intenção de discutir noções a respeito do consciente e do inconsciente atuantes no universo diegético em dois contos de Machado de Assis: “O espelho” e “O cônego ou metafísica do estilo”. O primeiro publicado originalmente no jornal *Gazeta de Notícias*, em 1882, e reunido a outros contos em *Papéis Avulsos*, ainda em 1882. O segundo publicado pela primeira vez no mesmo jornal, em 1885, e posteriormente escolhido para integrar o livro *Várias histórias*, de 1896. Nesta Monografia, contudo, os contos são estudados na ordem inversa à cronológica de publicação, uma vez que os elementos sugeridos num, estão explícitos noutro, conforme explicitado adiante.

Certo pensamento, talvez hegemônico em sua época marca presença em seus textos de modo indiscutível. Machado, profundamente cosmopolita, revela sempre um conhecimento das discussões que circulavam nos mais elevados meios da Europa, o epicentro cultural do qual o Rio de Janeiro era uma das capitais. A escrita de Machado, contudo, nunca serviu a qualquer hegemonia cultural - nesse sentido, encarnava o “*non ducor, duco*” -, tampouco foi adúladora da mimetização, por vezes tosca, de uma Paris imaginária. Sua escrita sempre foi ácida sem ser azeda, crítica sem ser difamatória, aguda sem ser contundente, graciosa sem ser vã, elaborada sem ser rebuscada. Trazia para a ficção a realidade dos temas mais recentes e pertinentes de sua época, e ensejava uma reflexão oportuna, uma aclimatização ativa dos parâmetros europeus e a discussão de assuntos que a imprensa veiculava ou que os livros recém chegados da Velho Mundo traziam como grandes novidades.

Os avanços da medicina, sobretudo da medicina psiquiátrica, despertaram, como se sabe, um grande interesse em Machado. Naturalmente o conto “O alienista” é o mais célebre denunciador desse seu entusiasmo por essa área que, aliás, estava desabrochando nas grandes academias pelas mãos de Charcot e, logo depois, de Freud, na esteira de um revolucionário Pinnel. De fato, Pinnel e Charcot eram, desde a primeira metade do século XIX, figuras referenciais, e seus bustos, esculpidos pelo grande alemão Frederick Augustus Ferdinand

Pettrich (1798 – 1872), em 1862, guarneciam e guardavam as entradas dos pavilhões masculino e feminino, respectivamente, do Hospício Pedro II, atual Palácio Universitário da Praia Vermelha¹.

No Brasil, nesse Rio de Janeiro que fôra uma Capital Imperial europeia, Machado de Assis insere a literatura no novíssimo mundo dos estudos dos fenômenos da mente. Isso não representava, contudo, uma iniciativa única. Escritores coevos como Fiódor Dostoiévski e Eça de Queirós são exemplos de autores que souberam,, em outros contextos e de outras maneiras, trazer tais noções para suas expressões literárias.

Alfredo Bosi (2007, p.11), com efeito, lembra que Machado compôs, especialmente em seus romances, personagens com perfis psicológicos destoantes dos parâmetros folhetinescos, assumindo o comportamento humano como objeto principal. A sofisticada complexidade psicológica de Brás Cubas, a título de referência, exemplifica como a independência criadora em Machado esteve unida à percepção desse espectro psíquico que ia sendo preenchido pelos seus personagens. Mesmo os personagens-tipo, quase chãos, como o agregado José Dias, que parece saído de um Menandro, de um Plauto ou da *Commedia dell'arte*, não se prestam à total lhanza e cedem à complexidade, dando lugar às delícias a que sabe a obra machadiana. Pois eis que aquele José Dias, feito para o desprezo, conquista os melhores sentimentos mesmo do leitor de moral mais intransigente.

Dentre as variadas e complexas concepções psicológicas empregadas na obra machadiana, de acordo com Peres (2018, p.294), emergem reiteradamente noções acerca do consciente e do inconsciente, para as quais será direcionada a nossa atenção neste trabalho, com a finalidade de observar como estas são apresentadas e desenvolvidas nos contos “O cônego ou metafísica do estilo” e “O espelho”. Machado, contemporâneo de Freud, não conheceu sua obra, mas seu caráter cosmopolita o afinava com as ideias em circulação. A confluência entre as ideias de Freud e algumas proposições de Machado de Assis foram estudadas por Luiz Alberto Pinheiro de Freitas (2001), que acerca do inconsciente freudiano em Machado, pontua:

Machado criou um estilo de literatura em que a observação das pessoas de seu tempo apresentava a possibilidade de interpretação. Fazia, sem o saber, uma análise dos processos inconscientes que assolam no seu dia-a-dia. Das pequenas coisas, das passagens, a princípio inocentes, postulava uma outra interpretação, de um outro lado da história, que permanecia

¹ Cf. CALMON, 2004.

subjacenteo discurso imediato, mas que, muitas vezes, aludia à presença, sempre insidiosa, do inconsciente. (FREITAS, 2001, p. 53).

Tanto em “O espelho” quanto em “O cônego ou a metafísica do espírito”, Machado parece abordar dois aspectos do psiquismo, a saber a relação entre o consciente e o subconsciente, ao qual dá o nome pré-freudiano de “inconsciente”, o conflito entre uma consciência de si e a consciência de seu fantasma social, revelado pelo instrumental de um outro-eu ou de um alter-ego. Pretende-se, assim, sondar as noções machadianas acerca do saber, do saber-se. As noções machadianas a respeito do inconsciente têm sua origem antes mesmo da publicação da *Interpretação dos sonhos*, de 1899, em que Sigmund Freud relatou os seus estudos sobre o subconsciente. No entanto, como se há de notar, o inconsciente (ou subconsciente) de Freud tem muito mais semelhanças do que dissemelhanças com o inconsciente machadiano, e ambos são, possivelmente, debitários do inconsciente de Schelling, que criara e teorizara o conceito na obra *Investigações Filosóficas sobre a Essência da Liberdade Humana* de 1809². Sabidamente ambos conheciam o filósofo e fisiólogo idealista, e o tinham como um referencial do qual mantinham, cada qual a seu modo, um distanciamento crítico. Segundo Peres (2018), “o modo como Machado descreve a consciência antecipa, em certos aspectos, as distinções realizadas por Freud, na primeira tópica, entre inconsciente, pré-consciente e consciente”. Isto porque a noção de inconsciente começou a ser aplicada em *Helena*, segundo romance de Machado, de 1876, conforme observa Peres (2018). Este último informa, ainda, que em *Helena* Machado “trabalhou a concepção de que o ser humano é influenciado por uma dimensão que escapa à consciência”. Deste modo, percebe-se que para Machado tal noção - e o seu desenvolvimento - seria fundamental ao longo de sua elaboração literária interessada na questão do comportamento humano.

A discussão proposta neste trabalho divide-se em dois capítulos complementares. O primeiro, a *Angústia da Memória no conto “O cônego ou metafísica do estilo”*, dedica sua atenção a cada um dos momentos do processo mental de seu personagem principal. Isto é, discute a razão que leva Matias à elaboração do sermão, a jornada psíquica atravessada no terreno da consciência e, logo após, no terreno da inconsciência e a dimensão da revelação gerada a partir deste processo. Logo após, o segundo capítulo, *Saber de si no conto “O*

² Cf. FENICHEL, 2018 e FFYTICHE, 2015.

espelho”, trata inicialmente da nomeação de Jacobina como alferes, tomando-a como pontapé inicial do reconhecimento, por parte do personagem, de uma outra existência dentro de si, em seguida debate o tormento vivido pelo personagem e, por fim, a capacidade autorreflexiva de Jacobina na percepção e assimilação do momentos vivenciados e narrados. O primeiro conto estudado, foi, como já dito, publicado depois do que lhe segue neste estudo; contudo, “O cônego ou a metafísica do espírito” parece explicar a teoria que, n’ “O espelho” se vê diluída na narrativa.

2. A ANGÚSTIA DA MEMÓRIA NO CONTO “O CÔNEGO OU METAFÍSICA DO ESTILO

O conto “O cônego ou metafísica do estilo” apresenta a história do cônego honorário Matias, personagem que, após requisitado a formular um sermão devido à ocasião de “uma certa festa próxima”, se põe a escrever. Torna-se evidente, então, a questão da elaboração textual, porém o conto a explora em sua própria fonte, a mente de Matias, trazendo também à luz a questão do consciente e inconsciente.

Na narrativa, o personagem elabora a sua escrita “ora devagar, ora depressa”, auxiliado pela inspiração e a meditação, que personificadas, “ficam a um e outro lado do espaldar da cadeira, dizendo ao ouvido do cônego mil cousas místicas e graves”. Até que Matias detém-se no momento em que não consegue encontrar o adjetivo ideal para o substantivo registrado no papel. Neste ponto, inicia-se o que a voz narrativa chama de “idílio psíquico”, pelo qual atravessará o cônego ao longo da narrativa.

Após a instauração do conflito, Matias o enfrenta de duas formas: uma consciente e outra inconsciente, ambas descritas pelo eloquente narrador. É o próprio narrador que convida o leitor a adentrar na mente do cônego e faz ali, de modo informal, uma espécie de visita guiada, na qual explica espacial e funcionalmente o conteúdo da mente do cônego, enquanto atravessam por ideias, lembranças, concepções, pesares, sensações, etc. Assim, é possível acompanhar na narrativa tanto o momento consciente em que Matias busca em sua mente um adjetivo adequado para o substantivo quanto o momento subsequente em que Matias se distrai e a busca segue sendo executada no seu inconsciente por Sílvia e Sílvia - nomes que recebem o substantivo e o adjetivo em questão. O conflito e o conto encerram-se quando Sílvia e Sílvia, enfim, acham-se e unem-se, trazendo à luz da consciência a combinação que Matias buscava.

Como é possível notar, neste conto em especial, Machado de Assis trata do consciente e do inconsciente de modo bastante direto. O narrador criado pelo autor, portanto, enfrentava um desafio ainda maior na época de sua publicação, 1885, do que hoje, em explorar um assunto ainda não assimilado pelo senso comum e ainda muito distante do acervo de conhecimentos partilhados, talvez por isso tenha adotado um tom quase didático - com o

auxílio de alguns recursos fantásticos - em defesa de suas “descobertas” relativas ao interior da cabeça do cônego. A constante interlocução com o leitor, ainda que seja uma marca da escrita machadiana, pode ser também aí um sinal dessa preocupação, uma vez que, de forma um pouco mais insistente do que a habitual, além de projetar um diálogo com o leitor, o narrador do conto interpela-o, num ato de implicatura da incompreensão, do descrédito ou do desprezo pelas suas ideias. Tal expectativa, aliás, era condizente com um momento em que a temática do inconsciente possuía rara visibilidade e as ideias de Freud ainda não haviam aportado nestes Trópicos.

No conto “O cônego ou metafísica do estilo” o objeto do processo mental vivenciado pelo personagem é um texto e por isso a obra apresenta inevitavelmente uma essência metalinguística, a qual Machado une à questão do consciente e inconsciente. Desse modo, ao refletir o texto de Matias através do narrador, Machado de Assis reflete também a sua própria escrita, do ponto de vista dos processos criativos.

2.1 O sermão

Antes de pensar na composição do sermão no qual trabalha Matias, é importante observar o que diz o narrador a respeito de suas leituras. Segundo este, o cônego honorário “vive entre livros e livros para os lados da Gamboa”, na região portuária do Rio de Janeiro. Inclusive, quando o procuram para encomendar o sermão, o texto diz que Matias “se regalava então com uma grande obra espiritual chegada no último pacote”. Ademais, já dentro da mente de Matias o narrador cita a presença de romances ingleses. Entende-se, por consequência, que para ele o gosto pela leitura e pelas palavras era significativo. Não é a toa que um dos festeiros afirma categoricamente que o pregador fará o sermão com muita facilidade.

O cônego inicialmente recusa o pedido da elaboração do sermão - dando prioridade à sua leitura individual em relação à ocasião social - e aceita-o, finalmente, não por vontade própria, mas pela insistência dos festeiros, como diz o texto. Assim, é contrariado e incomodado com a publicação no jornal que o chamava de “um dos ornamentos do clero brasileiro” que Matias se encontra ao começar a produção do sermão. No entanto, logo o

rancor dá vez à satisfação do personagem por estar este imerso em seu aprazível universo das palavras. A partir daí o cônego trabalha com amor.

É justamente por estar nesta posição de literato que o cônego se sente tão aflito ao perceber estancada a sua criatividade sem nada poder fazer para restituí-la. Matias vê interrompida uma grande expectativa dos que encomendaram e propalaram o sermão. Além disso, como observado há pouco, o personagem dá sinais de que preocupava-se com as impressões dos demais a seu respeito. A conjuntura, então, se constitui tendo o sermão como o ponto de partida para a angustiante trajetória psíquica do personagem.

2.2 Uma jornada pela inconsciência

A rota para o inconsciente do clérigo é produzida e trilhada por Sílvio e Sílvia, classes de palavras personificadas que em sua essência são porção de Matias, mas agem independentes de sua vontade e livres da sua lucidez. É a partir da viagem realizada pelos amantes que o conto desnuda o personagem aos olhos do leitor desvelando mistérios do inconsciente de Matias, conforme expõe o narrador:

Agora, porém, o caminho é escuro. Passamos da consciência para a inconsciência onde se faz a elaboração confusa das idéias, onde as reminiscências dormem ou cochilam. Aqui pulula a vida sem formas, os germens e os detritos, os rudimentos e os sedimentos; é o devão imenso do espírito. Aqui caíram eles, à procura um do outro, chamando e suspirando. Dê-me a leitora a mão, agarre-se o leitor a mim, e escorreguemos também. (MACHADO DE ASSIS, 1994, p.78).

Desta vez, o convite realizado pelo narrador marca o ingresso do leitor, na região do inconsciente de Matias onde será possível reconhecer fisionomicamente, pelas características descritas, um ambiente semelhante a um útero no qual a “vida sem formas” evoca o potencial criador. Sobre isto, Peres e Massimi (2004, p.130) assinalam:

A descrição deste inconsciente prossegue, revelando-se como um lugar obscuro, efervescente, onde estão guardadas as memórias remotas, as emoções e “idéias grávidas de outras idéias”. É a fonte geradora da linguagem, a partir da qual se articulam as idéias conscientes. (PERES; MASSIMI, 2004, p.130).

Marcado, então, como matriz do processo criativo o inconsciente tem constatada a sua vital importância à necessidade de Matias. Peres e Massimi (2004, p.130) associam a este papel a concepção de ‘função criativa’, uma das quatro funções atribuídas ao inconsciente no ano de 1900: *criativa, mitopoética, conservativa e dissolutiva*. Conhecida desde os românticos, a ‘função criativa’ definida por Peres e Massimi no ensaio demarca que o ato de criação tem origem no inconsciente. A função mitopoética, por sua vez, seria “uma região média, subliminar, de onde se desenvolvia continuamente uma estranha produção de fantasia interior”. Sua atividade consiste em ocupar-se “de criar mitos e fantasias, que muitas vezes permanecem completamente inconscientes, manifestando-se com maior frequência nos sonhos”. A ‘função conservativa’ é identificada, ainda segundo Peres e Massimi, com a memória. Nesta concepção de funcionalidade, o inconsciente armazena recordações e percepções que escapam ao consciente. A ‘função dissolutiva’ do inconsciente diz respeito a duas classes de fenômenos:

A primeira era composta daqueles fenômenos psíquicos que antes eram conscientes, mas que, com o tempo, se tornaram automáticos (como se verifica nos hábitos adquiridos). A segunda era composta de alguns fragmentos cindidos da personalidade que interfeririam no processo normal. (PERES; MASSIMI, 2004, p.132).

Deste modo, a travessia pelo inconsciente de Matias perpassa a ‘função criativa’ no que tange ao potencial criativo mencionado anteriormente. No entanto, a visão machadiana avança também pela ‘função mitopoética’. Assim fica evidente na passagem do conto:

Platão traz os óculos de um escrivão da câmara eclesiástica; mandarins de todas as classes distribuem moedas etruscas e chilenas, livros ingleses e rosas pálidas; tão pálidas, que não parecem as mesmas que a mãe do cônego plantou quando ele era criança. (MACHADO DE ASSIS, 1994, p.78).

O texto revela que a percepção das rosas que agora ocupa o inconsciente de Matias é apenas uma projeção da percepção original. A ‘função mitopoética’ inventou-lhe um tom mais pálido e assim permaneceu registrada. Tal observação acentua a onisciência de um narrador que conhece e acessa o conteúdo da mente do cônego desde sua infância, capaz de produzir um discurso aprofundadamente convincente.

A presença da ‘função conservativa’ detecta-se no conto em passagens nas quais o narrador rememora as informações retidas no inconsciente, como é possível constatar no seguinte trecho do conto:

Memórias pias e familiares cruzam-se e confundem-se. Cá estão as vozes remotas da primeira missa. Cá estão as cantigas da roça que ele ouvia cantar às pretas, em casa; farrapos de sensações esvaídas, aqui um medo, ali um gosto, acolá um fastio de cousas que vieram cada uma por sua vez, e que ora jazem na grande unidade impalpável e obscura. (MACHADO DE ASSIS, 1994, p.78).

Essas e outras reminiscências, conforme diz o narrador, “dormem ou cochilam” neste grande espaço, que quanto mais próximo da fronteira com o consciente mais se estreita, sugerindo uma amplitude muito superior do inconsciente se comparado ao consciente. O longo circuito percorrido por Sílvio e Sílvia propõe uma atmosfera vasta a fim de acomodar a profusão de dados suportados no prolífero inconsciente. Contudo, além de fértil, o percurso relatado é vigorosamente dinâmico. Sílvio, Sílvia, narrador, leitor, Platão, mandarins, ideias virgens, ideias grávidas, grupos de ideias, memórias pias e familiares realizam ações como subir, descer, saltar, escorregar, rastejar. Assim, Machado revela a sua concepção de um inconsciente, acima de tudo, ativo e múltiplo - nunca estático - no qual há um fluxo constante de processos simultâneos e independentes.

Enquanto agita-se o inconsciente, agita-se também, e por reflexo, o cônego. Risca os adjetivos não predestinados e o narrador atesta “aqui é o centro do idílio”, até que Matias “se levanta, vai até a janela e encosta-se a espairecer do esforço”. A articulação entre corpo e inconsciente em Machado é examinada por Peres (2018, p.301), sobre a qual conclui que “o inconsciente se delinea e ganha vida a partir da descrição da consciência e do corpo” e portanto “as vivências que constituem a vida pré-reflexiva manifestam-se no corpo, na conduta, nos modos com os quais a pessoa interpreta e sente os diferentes aspectos de seu mundo circundante”.

Devido ao esforço envidado na busca do adjetivo que fosse ideal, Matias age no sentido de escapar momentaneamente da aflição consciente buscando o conforto das coisas habituais. A ataraxia ensejaria, portanto, a emersão do jaz sob o consciente, ou o pouso daquilo que paira sobre ele. Nesse lugar que, qual Freud, Machado não localiza, mas que se faz presente por uma ausência que se depara com a consciência da existência: sabe-se que o adjetivo existe, mas ele não está aqui: está lá, num lugar ao qual não se vai, mas cujos

habitantes podem vir-nos, se nos mostrarmos propícios a recebê-los. A acesso atarático que Machado preconiza para o inconsciente, equivale, em muitos pontos, ao acesso parrético³ que Freud há de encontrar, depois de seu rompimento com a hipnose de Charcot⁴. O inconsciente, então, aflora para a dissolução do impasse e Matias aliviado “alegra-se, entorna os olhos por esse ar puro, deixa-os ir fartarem-se de verdura e fresquidão, ao som de um passarinho e um piano; depois fala ao papagaio, chama o jardineiro, assoa-se, esfrega as mãos, encosta-se”. A consciência de Matias, porém, sabe que o descanso é momentâneo, isto é, tem ciência de que precisa dar continuidade ao sermão e o chama de volta à composição: “pega da pena, molha-a, desce-a ao papel a ver que adjetivo há de anexar ao substantivo”. O personagem não sabe, mas está próximo o casamento entre Sílvio e Sílvia.

2.3 Pequena revelação

A experiência que vive o cônego é indubitavelmente epifânica. Sílvio e Sílvia, em uma união que ganha contornos sagrados e literários, alcançam a consciência de Matias, concretizando uma quase divina revelação. Apesar disso, o eclesiástico nada sabe acerca de todo o processo decorrido em sua mente. Ou seja, a sua revelação consiste em conhecer o produto, não a operação dos processos interiores. Ao leitor, pelo contrário, tudo é revelado nas insistentes intimações do narrador, criando a sensação de que é possível conhecer o cônego para além do que ele próprio é capaz de processar.

Por este caminho, priorizando os desdobramentos da mente de Matias, o narrador do conto ratifica a sua proposição universalista que defende a magnitude da mente humana, de acordo com o seu diálogo com o leitor:

É para que não acredites nas pessoas que vão ao Corcovado, e dizem que ali a impressão da altura é tal, que o homem fica sendo cousa nenhuma. Opinião pânica e falsa, falsa como Judas e outros diamantes. Não creias tu nisso, leitor amado. Nem Corcovados, nem Himalaias valem muita cousa ao pé da tua cabeça, que os mede. (MACHADO DE ASSIS, 1994, p.77).

³ CAVALCANTI, 2004. A *parrhesia* não deve ser aqui entendida pela chave foucaultiana, mas pela chave estoíca. Margarida Cavalcanti propõe um cuidadoso histórico desse conceito, apontando como, na psicanálise, sua aplicação não pode depender exclusivamente de sua interpretação por Foucault.

⁴ Freud mantém a relação discipular com Charcot que lhe ensinou o fenômeno transferencial.

Assim, o discurso do narrador aponta para a vastidão inesgotável das possibilidades de processos que transcorrem na mente e dos quais muitos não são acessíveis à consciência, sendo o caso da mente de Matias meramente um entre tantos. A conjunção alternativa presente no título é uma das evidências que salientam o fato de não se tratar, o texto, apenas do cônego como indivíduo, mas como um representante de muitos, que mesmo literato e supostamente iluminado enfrenta com angústia os dilemas do estilo.

A menção à grandiosidade da mente humana feita pelo narrador, indiretamente, provoca também o leitor a uma reflexão a respeito dos próprios processos mentais inconscientes e das possíveis memórias, distorções, fantasias e todo o desconhecido que habita no inconsciente. Desta maneira, Machado de Assis outra vez tematiza em suas narrativas o dualismo entre luz e sombras, do qual o personagem Matias é apenas um paciente modelo inconsciente.

3. SABER DE SI NO CONTO “O ESPELHO”

No conto “O espelho”, que recebe o subtítulo “Esboço de uma nova teoria da alma humana”, cinco amigos encontram-se reunidos. Um deles é Jacobina, que não encontra prazer no debate metafísico dos companheiros porque, segundo o personagem, a discussão era “a forma polida do instinto batalhador, que jaz no homem, como uma herança bestial”, ou seja, uma espécie de evidência de que há no homem um ímpeto rivalizante. Após insistência dos companheiros, Jacobina decide expor em maiores detalhes o seu pensamento, apenas exigindo que não fosse interrompido por discordâncias dos demais. Tendo comum acordo, Jacobina começa a narrar sua teoria de que “cada criatura humana traz duas almas consigo: uma que olha de dentro para fora, outra que olha de fora para dentro: a consciência de si e a consciência do mundo, poder-se-ia dizer. Jacobina legitima sua tese com o sucesso de haver se tornado alferes da guarda nacional aos vinte e cinco anos; algo não despreciando, de fato, e, portanto, eloquente por si. Essa legitimação, conquanto de lógica claudicante, dá-lhe autoridade, a um só tempo de alferes e de bem-sucedido.

A alma, no conto, é caracterizada pelo direcionamento do olhar. A alma traduz pela percepção vetorizada de algo. A percepção que se tem do mundo é algo que não apresenta grandes problemas ou questões num primeiro momento, mas a perspectiva de fora para dentro carrega em si um relevante sofisma.

A alma, como algo interior e próprio por definição, não suporta a possibilidade de ser exterior ao sujeito. Aos poucos, ao longo da narrativa, desvela-se que a alma exterior era a que se comunicava com os olhares. Uma olha para o objeto do olhar alheio, a outra para o próprio olhar alheio. Essa última busca no olhar alheio seu lugar no mundo, sua consciência de si, procura no reconhecimento do outro o reconhecimento de si.

Tornar-se alferes havia sido uma verdadeira ascensão social na vida do jovem e pobre Jacobina, que a partir da nomeação passou a trajar orgulhosamente sua farda, dada por amigos, e ser igualmente reconhecido com as honras e gentilezas de pessoas ao redor. Inclusive sendo convidado para uma estadia na casa de uma tia viúva, que passa a agradar e mimar o jovem em tudo o que pode, até mesmo legando-lhe um rico espelho obtido por herança, no qual “via-se ainda o ouro, comido em parte pelo tempo, uns delfins esculpidos nos ângulos superiores da moldura, uns enfeites de madrepérola e outros caprichos do

artista”. A degradação da moldura, especialmente por se tratar de ouro carcomido, convida, desde já, à reflexão sobre a efemeridade da matéria. Os delfins, que são, a um só tempo, emblemas do Rio de Janeiro e do Absolutismo Monárquico, impõem à efemeridade o convívio com a pretensão de permanência tanto da exuberância natural quanto da social. A madreperla, que ali materializa os “caprichos do artista”, evocam a vaidade fixada em quinas que nunca serão o tema principal do objeto, mas um ornato lançado: o encontro da vaidade com a vanidade, uma tradução imagética para a *vanitas vanitatum* do *Eclesiastes*.

A tia, contudo, vê-se em premente necessidade de deixar a casa, para o infortúnio de Jacobina, que sente crescer uma aflição angustiante por dias, até que toma a atitude olhar a si mesmo no espelho. Ali, nota uma imagem difusa, esfumada e imersa em sombras. Ou seja, vê a sua imagem corrompida pela ambição e pela vaidade, uma imagem difícil de ser encarada, que lhe causa pavor e profundo incômodo. A tensão acumulando-se o faz ter a ideia de vestir a farda para olhar-se no espelho novamente e então Jacobina se veste como alferes e olha-se para, enfim, aplacar satisfatoriamente a sua agonia ao reconhecer em si o valoroso alferes visto pelos demais, refletido vistoso e nítido.

Fica-lhe claro que dependia do olhar alheio, ou de olhar pelo olhar alheio. Precisava do reconhecimento e ele era todo o seu lugar social. Nada além senão a sombra de um sonho, para usar a expressão do Príncipe dos Poetas⁵.

3.1 A nomeação

A literatura do século XIX em distintas ocasiões recontou a história do jovem que de súbito ascende socialmente. É o caso de Pip na obra de Charles Dickens, Julien Sorel na obra de Stendhal, Dorian Gray na obra de Oscar Wilde e também de Jacobina neste conto machadiano de 1882. A nomeação do personagem como alferes da Guarda Nacional é o acontecimento que abre a largada do processo pelo qual passará Jacobina nesta história.

Almeida (2001, p.22) lembra que a Guarda Nacional consistia em uma força paramilitar reconhecida e legitimada pelo Governo Imperial e que, como toda corporação de índole militar, esta era inteiramente hierarquizada. Ingressar na Guarda Nacional significava, portanto, sair da insignificância social para desfrutar do sentimento de pertencer significativamente à sociedade. O posto de alferes pertencia ao corpo de oficiais subalternos e

⁵ Píndaro. Oitava Ode Pítica, 95-6.

a sua relativa notoriedade, visto que o personagem era de origem pobre, estava diretamente relacionada ao suntuoso uniforme. A narrativa reforça a sua importância quando menciona o convite realizado por D. Marcolina: “pediu que fosse ter com ela e que levasse a farda”. Esta, que deveria ser custeada pelo próprio oficial, no caso de Jacobina foi paga inteiramente pelos amigos satisfeitos com o seu sucesso. Rodeado de olhares orgulhosos e cheios de contentamento da mãe, primos e tios, Jacobina observa que havia superado muitos candidatos. Era uma esperança de ascensão em uma sociedade estratificada e voltada para as ordens e desejos da corte.

No conto, os exemplos de agrados que Jacobina recebia acumulam-se:

E abraçava-me! Chamava-me também o seu alferes. Achava-me um rapagão bonito. Como era um tanto patusca, chegou a confessar que tinha inveja da moça que houvesse de ser minha mulher. Jurava que em toda a província não havia outro que me pusesse o pé adiante. E sempre alferes; era alferes para cá, alferes para lá, alferes a toda a hora. (MACHADO DE ASSIS, 2007, p.157).

Mais a frente no texto Jacobina conta um pouco mais sobre os privilégios que passou a desfrutar:

Um cunhado dela, irmão do finado Peçanha, que ali morava, não me chamava de outra maneira. Era o “senhor alferes”, não por gracejo, mas a sério e à vista dos escravos, que naturalmente foram pelo mesmo caminho. Na mesa tinha eu o melhor lugar, e era o primeiro servido. (MACHADO DE ASSIS, 2007, p.157).

O crescente zelo, carinho e admiração dedicados a Jacobina tornaram-se mais frequentes, intensos e passaram a gradualmente nutrir em seu interior uma nova persona autocentrada no alferes. Aliás, o próprio personagem reconhece a transformação:

Vamos ver como, ao tempo em que a consciência do homem se obliterava, a do alferes tornava-se viva e intensa. As dores humanas, as alegrias humanas, se eram só isso, mal obtinham de mim uma compaixão apática ou um sorriso de favor. No fim de três semanas, era outro, totalmente outro. Era exclusivamente alferes. (MACHADO DE ASSIS, 2007, p.158).

Deste modo, Jacobina, ou ainda Joãozinho como chamava-lhe a tia anteriormente, passa a ter a sua identidade reconhecida exclusivamente como “senhor alferes”, estabelecendo-se assim a sua definitiva nomeação.

3.2 A segunda alma ou o outro-eu?

No conto "O espelho", pelo que o seu juízo reconhece como enorme prestígio inerente ao cargo, Jacobina vê aflorar em si o que ele mesmo denomina "segunda alma", ao explicar sua teoria. Segundo o narrador, tal fenômeno dá início a uma relação conflitante entre a sua primeira e segunda alma:

Durante alguns dias as duas naturezas equilibraram-se; mas não tardou que a primitiva cedesse à outra; ficou-me uma parte mínima de humanidade. Aconteceu então que a alma exterior, que era dantes o sol, o ar, o campo, os olhos das moças, mudou de natureza, e passou a ser a cortesia e os rapapés da casa, tudo o que me falava do posto, nada do que me falava do homem. A única parte do cidadão que ficou comigo foi aquela que entendia com o exercício da patente; a outra dispersou-se no ar e no passado. (MACHADO DE ASSIS, 2007, p.157-158).

A noção de segunda alma, ou alma exterior, no excerto, assume em suas linhas certa semelhança com a noção Freudiana de *alter ego*, que passou a reconhecer o eu em grande parte inconsciente que coexiste com o eu consciente, constituindo um eu dividido, conforme explica Roudinesco (1998, p.744). *Alter ego*, o 'outro eu', no entanto, é uma categoria que remonta à Antiguidade, e, mais precisamente a um excerto da Quarta *Epístola a Ático* de Cícero (IV, 1, 6), onde esse rétor e retórico conta ao amigo Ático que Pompeu instituiu quinze delegados e nomeou Cícero como seu chefe, seu '*princeps*', em suas palavras, e Pompeu disse ainda que seria o *alter ego*, o outro-eu de Cícero. É assim que esse conceito nasce: já com grandes complicações, e parece ter sido esse conceito que Freud escolheu para identificar com uma das hipóstases da psique humana, o *Überich* (super-eu).

É, portanto, decisivo no conto o momento em que D. Marcolina decide tirar da sala o valioso espelho para colocá-lo no quarto do rapaz, afinal o espelho significa para ele a contemplação em si mesmo do alferes exaltado pelos demais. A frequente visão de um outro de si permite a Jacobina reconhecer-se também como senhor alferes, deixando abafada dentro de si a primeira alma enquanto passa a assumir sua segunda identidade, o seu outro-eu.

No espelho o jovem vislumbra o seu valor social representado, acima de tudo, pela farda, comportamento semelhante ao que apresenta o personagem Dorian Gray no aclamado romance de Oscar Wilde. Na narrativa, órfão e vindo repentinamente do interior para a avançada Londres assumir a herança deixada pelo tio, o ingênuo Dorian sofre a princípio com a sensação de deslocamento em meio à ardilosa alta sociedade londrina. No entanto, a partir

do retrato realista pintado por Basil, o rapaz entende e percebe em si os únicos atributos dos quais dispunha para articular-se naquele meio hostil: beleza e juventude. Como eram ambas ardentemente desejadas e valorizadas naquele núcleo, logo tais atributos tornam-se o trunfo social de Dorian, rendendo-lhe elevada admiração. A ideia de perder seu valioso aspecto com o passar do tempo o ameaça e, enfim, o faz preterir sua própria alma em razão de mantê-lo intacto. A partir daí, o Dorian retratado torna-se o único a sofrer na pele o envelhecimento e deformações consequentes de seu novo comportamento hedonista e agressivo, ao passo que Dorian consegue manter seu aspecto visual intocável.

As semelhanças entre o contexto de Jacobina e o do jovem Gray consistem no fato de terem, o espelho e o retrato, a função de revelar e comprovar a dupla existência dos jovens. Para Jacobina o espelho atesta sua versão social ambiciosa e para Dorian o retrato desgastado indica o sujeito apodrecido escondido pela sua versão de aparente pureza. Assim, ambos assombram-se com a ideia de encarar o seu outro-eu. O conto apresenta explicitamente o receio de Jacobina:

Convém dizer-lhes que, desde que ficara só, não olhara uma só vez para o espelho. Não era abstenção deliberada, não tinha motivo; era um impulso inconsciente, um receio de achar-me um e dois, ao mesmo tempo, naquela casa solitária; e se tal explicação é verdadeira, nada prova melhor a contradição humana, porque no fim de oito dias deu-me na veneta de olhar para o espelho com o fim justamente de achar-me dois. (MACHADO DE ASSIS, 2007, p.161).

É o que justamente acontece quando Jacobina, após transcorrido algum tempo sozinho, decide olhar-se no espelho pela primeira vez.

3.3 Grande revelação

Percebe-se que, neste conto, o desejo íntimo do personagem estava de certa forma escondido de si mesmo. A sua realização seria estar devidamente reconhecido pelos outros e por si mesmo como alferes, mas o jovem pena por não conhecer plenamente a causa da opressão que sentia. É possível inferir que, em razão do julgamento social negativo a respeito da vaidade, a mente escondia este desejo de um estágio mais elevado de consciência em um procedimento que evita ao consciente a necessidade de lidar com o sentimento.

Neste estágio pré-reflexivo, no primeiro momento em que se viu sem a presença da tia em casa, apenas com “os poucos escravos da casa”, o jovem Jacobina sentiu pela primeira vez o início do seu tormento: “Confesso-lhes que desde logo senti uma grande opressão, alguma coisa semelhante ao efeito de quatro paredes de um cárcere, subitamente levantadas em torno de mim”. No entanto, é o Jacobina narrador que é capaz de explicar a razão do sentimento.

Peres (2018) acerca de Estácio, personagem de *Helena*, explica este estágio e a semelhante aflição que Estácio sentia por estar apaixonado pela própria irmã:

Em sentido estrito, o sentimento de amor é inconsciente, já que o protagonista não sabe de sua presença. Ele é inconsciente na medida em que não é formulado em vivências linguísticas que o tragam a sua compreensão. Ou seja, Estácio sente os efeitos de seu amor, mas não o explicita para si. (...) Portanto, há boas razões para afirmar que, quando Machado fala de um sentimento inconsciente, ele não está se referindo a um sentimento que se encontra apartado da consciência, mas a um sentimento que, embora presente, não é notado, não é tematizado e articulado conceitualmente por uma vivência reflexiva explicitadora, como fica claro na passagem: “A razão de semelhante exclusivismo (n.d.r: o sentimento amoroso) não a explicou ele, nem tentou investigá-la.” (PERES, 2018, p. 297).

Do mesmo modo, no conto, o jovem Jacobina não conhece e nem mesmo investiga, neste primeiro momento, a razão do martírio que sofre, apenas sente-o. Quem o explica é o Jacobina mais velho. Assim sendo, logo após relatar o sentimento de aflição, comenta:

Era a alma exterior que se reduzia; estava agora limitada a alguns espíritos boçais. O alferes continuava a dominar em mim, embora a vida fosse menos intensa, e a consciência mais débil. (MACHADO DE ASSIS, 2007, p.158).

Aqui, encontra-se o primeiro momento em que, nos termos do personagem, a sua segunda alma se vê ameaçada e reduzida. Afinal, a satisfação pelo reconhecimento e louvor que sentia é interrompida e deixa, portanto, de ser alimentada.

Ao referir-se a uma “consciência mais débil” a voz narrativa de Jacobina assume explicitamente a diferença dos dois distintos níveis de consciência que possuía em cada momento, tendo agora, além de uma maior consciência acerca da sua vivência, uma maior consciência da condição de fragilidade da consciência que possuía naquele momento. Isto é, neste ponto, a consciência do narrador tem como objeto a própria experiência do passado e assim é capaz de dar uma explicação precisa do fenômeno.

No entanto, apesar de não pertencer a um local de autoconsciência reflexiva na mente do jovem alferes, o seu desejo íntimo do reconhecimento social não é de todo inconsciente, uma vez que mesmo não sendo formulado para si em consciência, o desejo afeta intensamente o comportamento do personagem, especialmente após a fuga organizada de todos os escravos de sua tia. Jacobina, encontrando-se “sem nenhum ente humano”, diz estar em situação pior do que a própria morte.

Com a ausência da tia e dos escravos na casa - consequentemente sem os habituais encômios - a segunda alma de Jacobina míngua sem ter quem a reconheça. Embora não soubesse em plena consciência, o personagem sofre por depender de algum ser humano que apreciasse e legitimasse sua distinção como alferes, por falta desse outro para quem o sujeito age e é. Porém, o desejo inconsciente se manifesta fortemente, ainda que sem explicação, no seu corpo e comportamento. É possível, então, lembrar as funções do inconsciente anteriormente mencionadas e reconhecer a função dissolutiva, conforme a qual uma parte fragmentária da personalidade interfere no processo do consciente, como se nota na seguinte passagem:

Voltava para casa, nervoso, desesperado, estirava-me no canapé da sala. Tic-tac, tic-tac. Levantava-me, passeava, tamborilava nos vidros das janelas, assobiava. Em certa ocasião lembrei-me de escrever alguma coisa, um artigo político, um romance, uma ode; não escolhi nada definitivamente; sentei-me e tracei no papel algumas palavras e frases soltas, para intercalar no estilo. (MACHADO DE ASSIS, 2007, p.160).

Também é clara a influência do inconsciente um pouco mais adiante:

Comia mal, frutas, farinha, conservas, algumas raízes tostadas ao fogo, mas suportaria tudo alegremente, se não fora a terrível situação moral em que me achava. Recitava versos, discursos, trechos latinos, liras de Gonzaga, oitavas de Camões, décimas, uma antologia em trinta volumes. Às vezes fazia ginástica; outra dava beliscões nas pernas; mas o efeito era só uma sensação física de dor ou de cansaço, e mais nada. Tudo silêncio, um silêncio vasto, enorme, infinito, apenas sublinhado pelo eterno tic-tac da pêndula. Tic-tac, tic-tac... (MACHADO DE ASSIS, 2007, p.160).

O conforto se dá apenas em outra esfera na qual costuma se manifestar o inconsciente: nos sonhos. Ao abordar a função mitopoética do inconsciente, o ensaio de Peres (2018) indica o potencial que o inconsciente detém em desenvolver fantasias que podem, inclusive, ser reveladas ao consciente durante sonhos. Assim, quando Jacobina sonha torna-se capaz de

encontrar novamente a realidade em que continua sendo o aclamado alferes proeminente entre os demais:

Dormindo, era outra coisa. O sono dava-me alívio, não pela razão comum de ser irmão da morte, mas por outra. Acho que posso explicar assim esse fenômeno: - o sono, eliminando a necessidade de uma alma exterior, deixava atuar a alma interior. Nos sonhos, fardava-me orgulhosamente, no meio da família e dos amigos, que me elogiavam o garbo, que me chamavam alferes; vinha um amigo de nossa casa, e prometia-me o posto de tenente, outro o de capitão ou major; e tudo isso fazia-me viver. (MACHADO DE ASSIS, 2007, p.160).

O referido sonho, portanto, dá indícios ao consciente da necessidade interior que Jacobina era incapaz de compreender com lucidez. É a raiz da ideia que posteriormente o personagem tem, aparentemente sem razão específica, de vestir a farda a fim de encontrar não a si mesmo, mas sim o seu valor enquanto integrante da sociedade, o seu outro-eu.

4. CONCLUSÃO

A formulação da noção de inconsciente, e sua atuação no consciente, observada nos contos de Machado registra um entendimento muito peculiar sobre suas funções. O ensaio de Peres e Massimi (2004) permitiu conhecê-las mais a fundo e perceber suas nuances traçadas em narradores e personagens interiormente elaborados. Essa compreensão, repassada aos seus narradores, possibilita perspectivas diversas de narrações, como foi observado nos contos discutidos.

Neste trabalho foi possível observar que se no romance *Helena*, de 1876, a concepção de consciente aparecia de forma mais genérica, na publicação nos contos “O espelho” em 1882 e “O cônego ou metafísica do estilo” em 1885, Machado de Assis dedicou-se mais detidamente à aplicação de suas concepções de consciente e inconsciente explorando detalhes sensíveis.

No conto “O cônego ou metafísica do estilo” o narrador tudo sabe, e adentra a esfera do inconsciente de Matias, que por sua vez permanece completamente alheio a todo o processo central da narrativa: o caminho do inconsciente ao consciente. A trajetória psíquica, descrita em detalhes, evidencia o empenho de Machado em desvendar “o mistério psicológico dos seres”, que o fez um representante brasileiro dentre os autores “que prepararam o caminho para escritores como Proust, Joyce, Kafka, Pirandello, Gide” (CANDIDO, 2014, p.57).

Já no conto “O espelho” o personagem principal assume a narrativa a partir de sua única perspectiva, que apesar disso atinge a plena lucidez acerca do processo de deslocamento do inconsciente para o consciente através do deslocamento temporal. Assim, sendo capaz de contar e ao mesmo tempo comentar em detalhes a sua interpretação do processo de tomada de consciência de si vivido no passado. Portanto, a investigação do texto permitiu considerar o aspecto mental relacionado a narração em primeira pessoa, que consiste em ser uma perspectiva possível a quem é capaz de elaborar para si as próprias vivências.

O cônego, do primeiro conto, sente-se aflito diante da necessidade de corresponder ao papel social ao qual foi designado e em uma direção análoga está a situação do jovem Jacobina, visto que a sua angústia deriva das complicações em assumir um papel social que não corresponde exatamente à imagem interior. É curioso, também, observar que Jacobina é o

designativo de um homem (masculino), mas é um adjetivo feminino, o feminino de "jacobino", pertencente a um movimento extremista oriundo da Revolução Francesa. Logo, o nome Jacobina representa o tornar-se um em um só corpo, um casamento, entre o feminino e o masculino. Do mesmo modo, Sílvia e Sílvia simbolizam ao mesmo tempo o indivíduo bipartido que percorre as sombras à procura do seu outro-eu.

A influência do inconsciente no corpo se mostrou nítida na concepção machadiana em ambos os contos. Assim, o inconsciente, na composição dos personagens, age diretamente tanto no consciente quanto no corpo, tomando-o como “lugar privilegiado de expressão do inconsciente”, conforme Peres e Massimi (2004, p.296).

Deste modo, depreende-se que as composições dos contos possuem o inconsciente e o consciente, e suas relações, como fundamentos essenciais nas narrativas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Adilson José. **Uniformes da Guarda Nacional, 1831-1852: A indumentária na organização e funcionamento de uma associação armada.** Anais do Museu Paulista: história e cultura material. São Paulo: v. 8/9, p. 77-174, 2001.
- CALMON, Pedro [Pedro Calmon Moniz de Bittencourt]. **O Palácio da Praia Vermelha: 1852-1952.** 3. ed. Prefácio de Afonso Carlos MARQUES DOS SANTOS. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2004.
- CANDIDO, Antonio et al. **A personagem de ficção.** São Paulo: Perspectiva, 2014.
- CAVALCANTI, Margarida Tavares. Sobre o "dizer verdadeiro" no espaço analítico. **Ágora (Rio J.)**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 55-72, Jan. 2004. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982004000100004&lng=en&nrm=iso>. access on 17 July 2020. <https://doi.org/10.1590/S1516-14982004000100004>.
- BOSI, Alfredo. **Machado de Assis: o enigma do olhar.** 4ª edição. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.
- CICERONIS [Marcus Tullius Cicero] *Epistulae ad Atticum*. 6 vols., ed. D. R. Shackleton BAILEY. Cambridge: Cambridge University Press, 1965–1968. [via Packard Humanities Institute Database]
- FENICHEL, Teresa. **Schelling, Freud, and the Philosophical Foundations of Psychoanalysis: uncanny belonging.** London: Routledge, 2018.
- FFYTCHÉ, Matt. **As origens do inconsciente: de Schelling a Freud. O nascimento da psique moderna.** Trad. Cláudia G. Duarte e Eduardo G. Duarte. São Paulo: Cultrix, 2014.
- FREITAS, Luiz Alberto Pinheiro de. Freud e Machado: uma interseção entre psicanálise e literatura. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.
- MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. O cônego ou metafísica do estilo. In: **Várias Histórias.** Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
- _____. O espelho. In: **50 contos de Machado de Assis.** Seleção, introdução e notas de John Gledson. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

NEIVA, Saulo. “NÃO CREIAS TU NISSO, LEITOR AMADO”: SOBRE A DATAÇÃO DOS CONTOS DE 'VÁRIAS HISTÓRIAS'. **Matraga - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ**, [S.l.], v. 22, n. 37, dez. 2015. ISSN 2446-6905. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/matraga/article/view/19935>>. Acesso em: 18 jul. 2020.

PERES, Sávio Passafaro. A fenomenologia do inconsciente na obra de Machado de Assis. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 29, n. 2, p. 294-302, ago. 2018. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642018000200294&lng=pt&nrm=iso>. acesso em 03 jul. 2020. <https://doi.org/10.1590/0103-656420170070>.

PERES, Sávio Passafaro; MASSIMI, Marina. Representações do conceito de inconsciente na obra de Machado de Assis. **Memorandum: Memória e História em Psicologia**, v. 7, p. 128-137, 1 out. 2004.

PINDARI Carmina cum fragmentis, pt. 1, 5a ed.”, Ed. Maehler, H. (post B. Snell) Leipzig: Teubner, 1971.

ROUDINESCO, Elizabeth; PLON, Michel. **Dicionário de psicanálise**. Trad. Vera Ribeiro e Lucy Magalhães; supervisão da edição brasileira Marco Antonio Coutinho Jorge. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

WILDE, Oscar. **O retrato de Dorian Gray**. Tradução e notas Marcella Furtado. São Paulo: Editora Landmark, 2012.